

# NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO

Redacção e Administração: R. da República, 56 A - 1.º e 2.º Andares - Telef. 34.

Composição e Impressão: Tipografia Minerva Vimaranesa - Rua de Santo António, 133.

Director, editor e proprietário - ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

COMISSÃO DE CENSURA  
VISADO PELA

## A CASA DOS POBRES

## Farpas

A Casa dos Pobres de Guimarães, de que tantas vezes temos falado, tem prestado, como ainda há poucos dias se verificou pelo bem elaborado Relatório da última gerência, numerosos e importantes benefícios. Portanto, é apreciável em qualidade e em quantidade o bem que essa Casa pratica, matando a fome a tantos e tantos infelizes, que, sem ela, teriam de ser vítimas da miséria, porque não teriam caldo, não teriam pão, não teriam agasalho, não teriam, enfim, quem lhes evitasse as dolorosas contrariedades a que conseguem resistir com a protecção da Casa dos Pobres, uma das muito felizes aspirações de alguns Vimaraneses que há poucos anos se transformou em realidade e que de ano para ano tem tido os mais evidentes progressos.

Os seus fundadores, dedicados bairristas com que a terra de Guimarães sempre poderá contar e que são bem conhecidos porque deles já falamos também por diferentes vezes, devem sentir-se plenamente satisfeitos pelo êxito triunfante do seu grande empreendimento, convertido numa obra de sublime Caridade e, conseqüentemente, de enternecida com paixão para com os nossos semelhantes pobres, aqueles que seriam arrastados para o abismo de uma existência inglória, se não fosse a assistência — sob várias modalidades — da Instituição em referência.

E dizemos isto para chegarmos uma vez mais à conclusão de que a Casa dos Pobres foi criada unicamente para estes e não para outras pessoas cuja vida continuava a mesma se aquela Casa não existisse. O facto de qualquer criatura se considerar em condições de ser beneficiada não pode ser motivo suficiente para ser atendida, porque, se certas pessoas sentem e compreendem ao mesmo tempo as agruras da necessidade, outras pelo contrário, julgam que a necessidade consiste, somente, em não terem tudo aquilo que ambicionavam.

Há, pois, uma diferença muitíssimo grande quanto a critérios e a essa diferença se deve a circunstância de haver quem pretenda que a Casa dos Pobres seja uma instituição Bancária ou cousa semelhante, só assim se compreendendo alguns pedidos de benefícios, que a Direcção de forma alguma pode atender e do que resulta, algumas vezes, a falta de justiça apregoada pelos interessados que não estão em condições de ser contemplados, porque, se o fossem, teriam, então, toda a razão para acusar de injusto o deferimento das suas pretensões. De tudo isto, o que se constata é o seguinte: — Se a Direcção da Casa dos Pobres não procedesse com escrupuloso critério, deixaríamos de ser beneficiados os mais necessitados em favor de outros em melhores condições devida. Por isso, achamos que a Direcção procede muitíssimo bem em não deferir pedidos a torto e a direito, assim como achamos, igualmente, muitíssimo bem o seu procedimento no sentido de corrigir alguma injustiça involuntária

## O Chafariz do Carmo

A Comissão de Estética, constituída por pessoas competentíssimas e da minha maior admiração, resolveu que voltasse para o Toural, a substituir a estátua de D. Afonso Henriques, o chafariz que actualmente está no Carmo. Parece que a razão principal desta deliberação foi motivada por não haver já tempo de se estudar ou concluir qualquer outro monumento ou dar ao Toural qualquer outro arranjo, antes das festas centenárias.

Sem melindre para a ilustre Comissão, permitimo-nos discordar dessa resolução. Não porque o chafariz fique mal no Toural. Mas é que, uma vez transferido para este local, o mesmo é que pôr pedra sobre qualquer alvitre que se apresente ou sobre qualquer projecto que se possa vir a estudar para arranjo da nossa principal Praça, considerada, e muito justamente, a sala de visitas da nossa terra.

Ora o chafariz está muito bem no largo onde presentemente se encontra. E depois que a competência do Director da Escola Industrial e primario Artista António de Azevedo deu ao jardim do Carmo aquele arranjo tão característico, não há o direito de pensar em transferir o chafariz para qualquer outro sítio. E é nisto que se fundamenta a nossa discordância.

Depois, o chafariz não é um móvel que se possa transportar, com toda a facilidade, para este ou aquele lugar. E' preciso gastar dinheiro e é preciso ter o máximo cuidado para se não partir nenhuma das suas peças e, em especial, nenhuma das suas taças. E que se há-de colocar, depois, no Carmo?

A gastar-se dinheiro, entendemos que se deve fazê-lo em coisas novas. O que está bem, — e é o caso do chafariz —, deixa-se estar.

Não há tempo de se substituir, por qualquer outra coisa, a estátua do nosso primeiro e glorioso Rei? Estudar-se-ia um plano novo de realizações e se se optasse por outro monumento — por qualquer dos que tem andado em discussão — abrir-se-ia concurso de maquettes, dotar-se-ia, depois, a obra para que prosseguisse no mais curto espaço de tempo e, na altura das comemorações, estivessem ou não essa sobras iniciadas, dir-se-ia: — aqui foi o segundo local onde esteve a estátua de D. Afonso Henriques e, em substituição dessa estátua, a cidade de Guimarães, com a colaboração do Estado, vai realizar este projecto.

Certamente a minha voz, mais uma vez, não encontrará eco e perder-se-á no deserto, e assim perder-se-á, também, mais uma oportunidade de se fazer alguma coisa de novo na terra vimaranesa.

São João das Caldas,  
31 de Maio de 1939.

X. X.

que, porventura, possa haver no passado.  
Actos dessa natureza só aplausos merecem.

X.

## Sonho triunfante Condigna Homenagem

Na rota do meu Sonho hei-de alcançar  
A vastidão dum mundo mais perfeito...  
Há mil anos que vivo a pelejar  
E dez vidas já tive no meu peito...

Marinheiro venci, à fôrça, o mar,  
Batalhador formei um Reino-Eleito...  
De enxada e alvião eu pude arar  
O solo pedregoso e insatisfeito...

O que inda não venci: hei-de vencer  
Embora tenha imenso de sofrer,  
Viver outras dez vidas nesta guerra...

E quando eu atingir vitória certa,  
Hei-de vêr triunfante a porta-aberta  
Da Suma-Perfeição e Paz na Terra...

Maio de 1939.

DELFINO DE GUIMARÃIS.

## A situação dos Gráficos de Guimarães

Com vista ao Ilustre Delegado Distrital do I. N. T. e Previdência.  
Ao Comércio e Indústria locais.

Há ao presente em Guimarães (além das Oficinas de S. José) duas tipografias: — a *Minerva Vimaranesa*, de António Luís da Silva Dantas; e a *Industrial*, de Francisco José de Freitas. Têm estas casas ao seu serviço um reduzido número de empregados das várias especialidades.

Vem isto a propósito de que sendo Guimarães uma terra essencialmente industrial e comercial, flagrante é notar-se que de há tempos a esta parte não garante o preciso trabalho para tam pequena família obreira, quando é certo que em pouco recuados tempos de menos progressivo desenvolvimento sustentava um mais elevado número de tipógrafos e, conseqüentemente, de tipografias que nesta terra laboravam. Parecendo um tanto paradoxal este caso, tentaremos sua explicação no seguinte:

Desde muito, senão de sempre, grande parte dos srs. industriais gráficos se permitiram uma concorrência de preços nos trabalhos tipográficos — concorrência essa que trazia e ainda traz como pernicioso efeito a aglomeração de serviços numas oficinas, enquanto noutras escasseava, como ora escasseia. Desta desigualdade, sempre imoralizante, se aproveitavam, e aproveitam ainda, — e nisso são em parte desculpáveis — os srs. Clientes. E dizemos são em parte desculpáveis os srs. Clientes porque nem sempre a economia de uns centavos ou mesmo de escudos em qualquer trabalho resulta produtora. Haja vista que os que mais relaxam os preços são em todas as artes uma espécie de charlatães em quem falha o escrupulo, o gosto artístico, a técnica, o amor da profissão — e deitam cá para fora autênticos desconchavos que em nada impõem as Emprézas, Fábricas, Estabelecimentos comerciais ou industriais, etc., que a esses charlatães recorrem ou dão preferência...

Depois — e aqui está uma falta de vimaranesismo — grande parte dos trabalhos ti-

pográficos emigram para outras terras, directamente encomendados, ou videirinhamente levados por intrusos agenciários.

Em parte explicada a causa ou causas da crise na família gráfica local, vamos agora enunciar dois casos que — salvo o devido respeito — representam autênticas anomalias: Pagam as duas oficinas gráficas acima citadas além de salários ao pessoal e outros encargos, **contribuições ao Estado, à Câmara, etc.**

As Repartições Públicas que para o Estado cobram e as Repartições Camarárias que para esta cobram também, dão de preferência os seus serviços à pseudo-*Escola Gráfica* das Oficinas de S. José — que apenas paga salários a dois empregados (pois tudo o mais são internados que os benfeitores sustentam), estando isentada de contribuições ou outros encargos!...

Quer dizer: enquanto uns (êles) trabalham horas extraordinárias para vencerem o serviço, que fazem a mais baixo-preço, outros (os que para a profissão e só da profissão vivem) terão, se assim continuarem, de engrossar ainda mais as fileiras já um tanto apavorantes dos desempregados!...

Por hoje basta. No próximo número continuaremos.

Os operários que da profissão gráfica vivem, em Guimarães.

## Capitão Magalhães Couto

Teve a gentileza de vir a nossa redacção agradecer a leal colaboração prestada pelo «Notícias de Guimarães» durante a sua permanência na Câmara e bem assim as palavras de justiça que lhe dirigimos após a sua exoneração, o nosso prezado amigo sr. Cap. José Maria Pereira Leite de Magalhães e Couto.

Agradecemos a atenção de S. Ex.ª.

VIRGÍLIO DE FREITAS — belo exemplo de Desportista e de Vimaranesa.

Atingiu foros de consagração a justa homenagem que a actual Direcção do «Vitória Sport Club» prestou a Virgílio de Freitas!

Marcou nos annos do desporto vimaranesa e colheu-se um belo exemplo de gratidão.

E' que, na verdade, o jogador do «Vitória», Virgílio de Freitas, foi tam acarinhado pelas entidades oficiais, desportistas e público em geral, que, estamos certos disso, raramente tornar-se-á a gozar o prazer espiritual das horas que foram vividas na quarta-feira última.

O interesse público, a qualidade das pessoas de representação que acorreram ao convite da Direcção do «Vitória» e a espontânea manifestação prestada a um dos mais correctos desportistas que têm, abnegada e desinteressadamente, pugnado pelo bom nome da nossa Terra, serviu de lição e de plausível reconhecimento tributado por uma Cidade que foi berço de tal filho.

Não nos cansaremos de afirmar que a deliberação dos dirigentes da nossa primeira colectividade desportiva foi bem acolhida e bem compreendida.

Homenagem a Virgílio de Freitas pela justíssima consagração que acabou de ser alvo e homenagem aos directores do «Vitória» que tam bem souberam interpretar o sentimento da população de Guimarães!

A's 22 horas menos poucos minutos, já a Sêde do «Vitória» se encontrava regorgitante de público. Convidados, associados, praticantes do desporto e imprensa, punham uma nota de desusada vida àquela colectividade. A's 22 horas em ponto, deu entrada na sala da Direcção o homenageado, que foi recebido com uma calorosa e estridente salva de palmas. Seguiram-se-lhe os corpos gerentes, acompanhados pelo ilustre representante da Câmara Municipal, desta cidade, excellentissimo senhor António José Pereira de Lima. Novas e calorosas manifestações se fizeram ouvir. Declarada aberta a sessão, pelo dignissimo primeiro Secretário da Assembleia Geral, sr. Armando de Sousa Andrade, immediatamente foi convidado a presidir àquele acto o ilustre representante da Câmara que escolheu, para secretariá-lo, os excellentissimos senhores, Amadeu da Costa Carvalho, estimado Presidente-Honorário do «Vitória», e António Faria Martins, um dos maiores alimentadores da existência daquela colectividade. Em lugares de destaque, contavam-se os senhores: Silvino Alves de Sousa, Presidente da Associação Comercial e Industrial de Guimarães, Alberto Augusto, Treinador do «Vitória», Virgílio de Freitas, António de Pádua (Bravo), Adélio Plácido Pereira (Ricoça), Luís Filipe Coelho, 1.º Secretário da Direcção, Dr. João Faria Mota Prego, médico do Club, José de Pina, Presidente do Turismo e 1.º Comandante dos Bombeiros Voluntários, Aníbal Dias Pereira, Dr. António Rocha, Luís Gonzaga de Freitas Carvalho e Francisco Ferreira de Oliveira. Concedida a palavra ao ilustre advogado e dignissimo Presidente da Direcção, senhor Dr. José Pinto Rodrigues, que os assistentes acolheram

com manifesta simpatia, S. Ex.ª leu uma magistral oração que, a seguir transcrevemos, para exuberante prova do seu amor ao desporto e do seu enorme talento.

Ex.ª Representante da Câmara: Minhas Senhoras: Meus Senhores: Já pode dizer-se que vai recuado e tornando-se cada vez mais afastado o tempo em que o desporto — no nosso País mais do que em qualquer outro — vegetava completamente desajudado, pela incompreensão, por parte das entidades oficiais, do seu múltiplo valor. Impôs-se ou está em vias de impôr-se, não só aos mandantes, mas também a quantos o consideravam uma frivolidade. Silvío Lima, intelectual de puro quilate, num livro recentemente publicado, cujos conceitos e asserções quasi em absoluto perflho, e no qual versa, embora de forma sucinta, mas clara e eloquentemente convincente, as relações entre desporto, trabalho e profissão, escreve estas palavras: «Aos que opinam constituir o desporto um assunto frívolo, indigno de atrair a lupa critica de um antigo e modesto professor universitário como eu fui, explicarei que é esse pensar um conceito errôneo. Na «casa de Jupiter» nada existe de frívolo: a própria frivolidade é coisa séria para os que dela se abeirarem com olhos investigadores».

E acrescenta: «Em Portugal o desporto tem sido presa de sólidos estudos médico-higiênicos. Faltava analisá-lo filosoficamente, integrando-o dentro da linha geral do viver humano. Foi o que fiz, ou julgo ter feito (diz o autor): relacionar o desporto com a arte, a ciência, a economia, a ética, a politica, a religião, a filosofia».

Por estas ligeiras transcrições se pode afeirar quão profundos e de vasto alcance são os diversos problemas que o desporto sugere.

E', pois, o desporto coisa muito séria quando bem entendido e bem servido, em primeiro lugar, por orientadores e praticantes, e quando se desenvolva num clima moral e material que lhe assegure condições de vida. O facto de não ser ainda entre nós o que devesse ser, não é motivo de desânimo e de desesperança. Sempre os homens de boa-vontade colherão frutos proveitosos de erros verificados e da constatação de defeitos remediáveis. Há ainda muito que fazer? Há quasi tudo a fazer?

— Pois bem, confieemos em que, dentro de pouco, o clima moral e material do desporto seja muito diferente do que é — e então os homens de boa vontade poderão, na verdade, realizar obra de vulto, obra marcante, que contribua para a formação perfeita da juventude portuguesa.

Não se atemorizem V. Ex.ªs, vindos aqui para cooperar na homenagem a prestar ao Virgílio: as minhas mais que simples palavras não se transformarão em massudo discurso ou pretenciosa conferência. Nem a ocasião, nem tudo o mais se compadeceriam com isso. Relevem-me, porém, o começar assim. Não perco a oportunidade, em circunstâncias como a presente, quando me é dado o vivo prazer de dirigir-me a pessoas que de certo modo se interessam pelo desporto, de assinalar que este é muito superior ao que dêle pensam os que só na competição, na luta, no embate, na rivalidade vêem as suas soberanas virtudes e qualidades.

Mas porque o assunto levaria longe e a vossa presença aqui tem objectivo definido, passo adiante — antecipadamente certo do aprazimento com que esta resolução será recebida.

Sr. Representante da Câmara:

Para V. Ex.ª as minhas primeiras saudações, as calorosas e muito afectivas saudações da direcção do Vitória.

Convidado pessoalmente, ontem, a dar-nos a honra de vir presidir a esta Festa, o sr. Dr. João Rocha dos Santos manifestou-nos a sua mágoa por não poder comparecer. Motivos urgentes de serviço público o impediram.

Foi S. Ex.ª quem, pela primeira vez, chefiando o Município, concedeu a esta colectividade auxílio material e também um sempre crescente annaro moral. Devem-lhe, todos os do Vitória, incondicional reconhecimento.

Pelo que me diz respeito, sinto imensa satisfação por lho manifestar

## Contas de ontem...

Mandamos pedir para a Câmara Municipal, a quem de direito, uma nota elucidativa respeitante ao empréstimo e plano de obras da gerência do sr. Capitão Magalhães Couto, a-fim de podermos responder ao nosso colega *Ressurgimento* numa pergunta feita a semana passada. Logo que chegue, ser-lhe-á comunicada. E mandamos também pedir — porque todo o capital tem os seus juros — uma cópia do contracto feito durante a gerência municipal do sr. dr. José Francisco dos Santos, acerca do Bairro de Urgez, de modo a podermos encontrar justificação não só ao contracto em si, mas ainda as manifestações públicas que então se produziram em Guimarães.

O colega será mais uma vez gentil, esperando.

públicamente. E essa satisfação é tanto maior quanto é certo que de-veras me regosijo, como cidadão vimaranense, por o ver de novo à frente da primeira autarquia local. Habi-tuei-me a admirá-lo pela lealdade incedível com que exerce a sua e minha profissão, — profissão tão cheia de escolhos, tão complexa e, por vezes, tão mal considerada, tão ingrata-mente apreciada. Sou-lhe devedor de inestimáveis provas de carinhosa amizade. Pertencem ao número daque-les que sabem ser gratos — e faltaria, porisso, a uma inclinação obrigada da minha consciência se não dissesse estas palavras.

— Podem todos os nossos consó-cios contar com a ajuda firme e valiosa da Câmara actual. A ela preside um velho amigo nosso, dela fazem parte, sem melindre, na excepção da referên-cia, para os restantes, dois outros amigos também dedicadíssimos: o sr. António Lima e o Dr. Castro Ferrei-ra, aos quais muito devemos — não me engano afirmá-lo — muito mais deveremos.



Virgílio de Freitas

— Seria descarável injustiça não referir nesta ocasião — com entusias-tico louvor e também com muito re-conhecimento — o nome do sr. Capiti-ão Magalhães Couto, que nos dispen-sou, durante a presente gerência, por várias vezes, tão grande ajuda que, bem pode dizer-se, sem ela não teríamos vencido as tremendas difi-culdades que fomos obrigados a trans-por. Recebeu-nos, em todas as emer-gências, o sr. Cap. Couto, com a mais estrema gentileza, com verda-deira e ingênita fidelidade.

Prestando-lhe esta modesta home-nagem, seguro estou de que nela me acompanham, não só todos os pre-sentes, mas quantos se interessam por esta colectividade.

O simples facto de presidir a esta solenidade o sr. António José Pereira de Lima é prova cabal do que deixei afirmado em relação ao interesse que o Município vota ao Vitória.

E dêse interesse muito carecemos, — êle é essencial, é indispensável.

Com efeito, todas as colectividades que na nossa Terra vivem exclusiva-mente do favor ou assistência particu-lares tendem a desaparecer, por falta de recursos de toda a ordem, mais ou menos cêdo.

E' incontrao o que vem de ser dito, pois — infelizmente — a prática, o rolar dos tempos, clamorosamente o têm demonstrado.

Não raro, o egoísmo, o cansaço, o desinteresse acabam por manifestar-se, mesmo quando os cansados, os egoístas, os desinteressados fazem tudo por dar a impressão de que o não são.

Os dirigentes dessas colectividades são olhados, na melhor das hipóteses, como carolas, devotados à realização de utópicos objectivos, ou — o que com lamentável frequência acontece — o seu esforço criticado e diminuído como coisa sem valor, todos os iconoclastas (pobres d'elles, na maior parte dos casos!) aproveitando, sem discernirem para além da inata maldade, êste ou aquêl acto, a mais das vezes só aparentemente censurável, para sobre os desgraçados despe-jarem a cornucópia das pequeninas e abjectas maledicências, das intoxican-tes intrigas, das invenções desassista-das.

— Só quem alguma vez participou dos corpos gerentes de uma colectivi-dade desportiva como o Vitória — modesta e provinciana — pode avaliar das dificuldades que assoberbam os que tenham funções de mando ou de orientação.

A popularidade, a dedicação ou assistência dos sócios (assistência ma-terial e moral) flutuam consoante as contingências dos resultados das di-versas competições. Se o Club atinge, a certa altura, situação de destaque, as exigências tornam-se mais premen-tes. E' necessário ir mais longe, muito mais longe ainda — e de modo al-gum se lhe pode justificar, e menos perdoar, que perca o lugar conquista-do: êsse é de absoluta obrigação mantê-lo. Se adrega de lhe anteceder algum deslize — como os que acontecem aos melhores Clubs do Universo — então o côro das recri-minações, das advertências, das críti-cas é ensurdecador, e a cotização (que deve ser a base normal, fixa, de todos os cálculos de ordem administrati-va) logo acusa uma muito saliente li-nha descendente, aproximada do zero.

— Há aquêl que diz ao cobrador: «Fulano joga domingo? Pois então não pago as cotas». Outro manifes-ta

(Conclue na quarta página)

## COMISSÃO DE ESTÉTICA MUNICIPAL

Foi reconduzida no seu alto e be-nemérito cargo — depois de cinco anos de deplorável ausência, e à som-bra da qual se praticaram verdadei-ros crimes de lesa-Arte — a Comis-são de Estética Municipal, criada em 1931 pela Câmara a que presidia o ilustre vimaranense sr. dr. João Ro-chas dos Santos.

Antes da inovação e criação, em Guimarães, dêste corpo técnico, de carácter revisivo e consultivo, sômen-te a capital da Nação, Lisboa, pos-sua serviços organizados desta espé-cie. A cidade do Porto tomou de-pois o exemplo de Guimarães, quando presidia ao seu município a pessoa a todos os títulos ilustre do sr. dr. Al-fredo de Magalhães. Mas Evora, Sin-tre, Mafra, Santarém, Obidos, Alco-baça, Leiria, Coimbra, Aveiro, Vizeu, Lamego... e tantas outras cidades e vilas de Portugal, continuam, infeliz-mente, a manter na direcção de pes-soas sem preparo cultural, do género, os delicados serviços da urbanização das suas localidades, contribuindo, portanto, para que o ambiente citadi-no deixe de interessar a cientistas, artistas e turistas — que são elemen-tos de importância, pelo menos, para a sua vida económica — não apenas pela mutilação sistemática de velhas formas urbanas, mas sobretudo pelo disparate das enxertias e as monstrosidades da construção modernis-ta, em que se tem provado a toda a gente, pelo menos... que toda a gente, com um pouco de paciência, podia dizer-se *arquitecto*. Resalva-se, é claro, a verdadeira Arte Moder-na — a autêntica — que tem em Por-tugal, e lá fóra, cultivadores de excel-ência.

Para o efeito de aliviar a Câmara Municipal da mortificação dos em-penhos, para com perfeita dignidade a isolar das responsabilidades que lhe impõe semelhante natureza de servi-ços, formou-se a Comissão de Estética Municipal, que trabalha gratuitamente — saiba-se! — e que dentro do seu Salão, na Torre chamada «dos Almad-ás», não recebe cartas nem conhece pessoas, mas exclusivamente trata do exame a trabalhos de muita ou ne-nhuma Arte, aos primeiros para os acarinharem junto da nossa vereação, e aos segundos para lhes dar o destino que a dignidade e hygiene artísticas rigorosamente lhe exigem.

Nestes últimos cinco anos têm-se, de verdade, praticado muitos maus actos, muitas tropelias — vamos pelas palavras rigorosas — muitíssimas as-neiras. Quasi todas as construções que envolvem os novos Paços do Con-celho, as da chamada rua de 31 de Janeiro e vielas adjacentes, ao do proprio Toural! — as da avenida dos Pombais, etc, etc, etc, não são casos, são monstros, vergonhas, cois-as, enfim, que produzem o exame mental e de sensibilidade, não ape-nas dos *arquitectos*, mas igualmente das pessoas infelizes que as pagaram e d'aquelas que permitiriam que as mesmas tivessem sido levantadas.

E' preciso saber que um prédio é propriedade da pessoa que o man-dou erguer, o município, as pessoas ilustradas e, inclusive, o povo, têm direitos de julgamento sobre o bom ou mau resultado que essa edificação represente na, digamos, paisagem ur-bana da cidade. Não se discute o bom ou mau gosto de uma sala de visitas ou de uma sala de jantar, ele-mentos internos da construção que ficam para uso exclusivo das famí-lias; mas a situação, o corpo e o de-senho de pormenores da frontaria e laterais, em si, esses não podem deixar de estar sob o alcance do julga-mento municipal, porque represen-tam glórias ou vergonhas das vereações que os deixaram realizar.

E', pois, triste, profundamente triste, que em cinco anos de exame aos serviços de urbanização pública, nesta terra, quasi que só se possa defen-der, por justo prestigio, a construção da casa de Urgezes, da propriedade do sr. Alberto da Costa Guimarães, e da autoria do grande architecto Mestre Rogério de Azevedo.

E' triste, voltamos a dizê-lo. Mas a Comissão de Estética voltou, e confiamos que ela não permitirá que, depois do exemplo das constru-ções quasi ridiculas dos últimos cinco anos, também as obras municipais estejam fóra do alcance do seu juízo — apesar de inteligentemente orien-tadas, ao presente — e se não reitam delírios como aquêl do largo dos Laranjais, onde um cérebro de buga-lho, destruindo uma obra inocente e que aliás dava certa graça ao local — encantando, repare-se Raúl Lino — a transformou num cenário de ruínas, com o qual vai agora haver-se, em dura prova, a Comissão de Estética, providencialmente reconduzida.

Temos nisso grandes e fundamen-tadas esperanças.

E assim seja, para bem de Gui-marãis.

Reúniu, pela segunda vez, na passa-da quinta-feira, a Comissão de Esté-tica Municipal, sob a presidência do sr. dr. Augusto Cunha, estando presentes os vogais srs. Alberto Vieira Braga, Alfredo Guimarães, Alexandre Camarinh, António de Azevedo e José Luís de Pina.

Aprouvo, depois do devidamente modificada, a planta de umas casas a construir na Avenida dos Pombais pelo proprietário sr. Bernardino Abreu.

Aprouvo a planta definitiva da cons-trução de um edificio em pedra e ma-

## Criticas Pequenas

São acentuados os progres-sos jornalísticos do diário por-tuense *O Primeiro de Janeiro*.

Um escol de Homens de Let-ras honra as colunas onde em velhos tempos pontificou quasi sôzinha a prosa fulgida de Jo-sé Maria de Alpoim.

João de Barros é pena favo-rita do *Janeyro*.

Em 16 de Maio o seu artigo *Um Grande Escritor* era um doce panegirico de Abel Sala-zar.

Não resistimos à tentação de apreciar o famoso Revoltado e depressa devorámos um livro seu, já de 1934

*Uma Primavera em Itália* se chamava êsse primeiro vo-lume da colecção *Contemporâ-nea*, onde, nas duas centenas de páginas, entram duas dze-nas de auto-biografia e auto-filosofia, com a sua bio-biblio-grafia.

Em doze capítulos nos delei-tamos com a Itália vista pelo grande Pintor.

Pintor de verdade e de altas palhetas, surpreendentes de magia e encantamento.

Escritor, neste livro, discuti-vel.

Florença e Roma e Nápoles e Veneza não esgotam as tin-tas vivas, alacres, policrômicas do Pintor prodigiosamente rico.

Pená é que nas páginas 32, 34, 41, 43, 44, 57, 118, 120, 131, 137, 142, 155, 157 hajamos de ver sempre o misero *policromo* em vez de *policromo*.

Outros ajectivos há que o Pintor repete em excesso.

Os termos franceses, italia-nos, latinos nunca usam o dese-jável grifo.

Vêzes várias encontramos o adjectivo *sintetizador* com o acento que nos desgosta.

A revisão, sempre e sempre descuidada.

E é grande pena que tam belas Pinturas ofereçam dess'arte sucessivas manchas que não honram o Escritor.

G.

## GAZETILHA

Na semana que passou como o espaço não chegou eu estive a descansar; se assim pudesse ser sempre eu gostava, francamente, pois estou quasi a *enjoar*.

Isto de andar a escrever coisas para os outros ler, quer haja ou não appetite, provoca dor's de cabeça, e quem da *pinha* padeça, pode ter a meningite.

Se p'lo menos se pudesse e *alguém* caso não fizesse de se dar uns beliscões, ainda valia a pena pois trariam p'ra cena o *estôfo* duns figurões.

Porque há p'ra ai cada um — bonecos de *pim-pam-pum* — que até nos causam tristeza; só o que dizem 'stá bem e ninguém direito tem de discordar da *esperteza*.

Arman em finos, coitados, e não passam, desgraçados, de uns inocentes *lapuzes*; tiram bem a água à nora, não deitam nada por fora, são soberbos alcastruzes...

Inda o que mais arrelia, por ter passado a mania nesses pobres imbecis, é dizerem mal daqueles que, não sendo como êles, são senhor's do seu nariz.

Mas... só agora reparo que o maroto do aparo, sem me dar satisfações, entrou delicadamente com os ditos figurões.

BELGATOUR.

deira, para a venda de tabacos e jor-nais, a construir no Largo 29 de Maio. Tomou conhecimento, e reservou para estudo, do assunto de um officio do sr. Manuel Soares Moreira Guima-rães.

Deu parecer acerca da montagem de uma cabine pública, para telefone, requerida por um grupo de motoristas de Guimarães, indicando o tipo da mesma cabine e o local onde deve ser construída.

## Delegado Policial de Guimarães

Acaba de ser nomeado De-legado Policial de Guimarães, o nosso prezadíssimo amigo sr. José de Oliveira Pinto, dedi-cado nacionalista e prestigioso Presidente da Assembleia Ge-ral da Casa do Povo de Ronfe, pela qual, ao lado do nosso querido amigo sr. António Tei-xeira de Melo, muito tem tra-balhado.

E' o sr. José de Oliveira Pinto possuídor de um espiri-to recto e de uma intelligência lúcida, qualidades estas que o impõem a consideração geral e que por certo muito vão con-tribuir para o bom desempenho do honroso cargo em que foi investido.

O «Notícias de Guimarães», que conta o sr. Oliveira Pinto no número dos seus amigos dedicados, apresenta a sua ex-<sup>a</sup> os mais respeitosos cumprimen-tos de felicitação's.

## Mudanças

Na primeira reunião da Comissão de Estética, recentemente reorganiza-da, foram tomadas algumas delibera-ções. De forma alguma pretendo dis-cutir essas deliberações, não só porque não tenho competência para o fazer, mas também porque mais uma vez se levantaria contra mim a *fama* de que sou um inimigo do progresso de Gui-marãis, como sucedeu, ainda há bem pouco tempo, quando — interpretan-do a voz corrente da opinião pública e enquanto ao mesmo tempo fazia a vontade à minha consciência — me manifestei contrário ao projecto da abertura de uma Avenida nos Palhei-ros, hoje condenada pelo ex.<sup>mo</sup> Mi-nistro das Obras Públicas, conforme o afirmou o sr. Presidente da Câmara.

E como para certas pessoas que se julgam intangíveis e infalíveis de nada valem as boas intenções alheias, eis a razão por que fui acusado de inimigo do progresso desta terra, em conversa amena entre amigos de Peniche. Como, porém, a minha tranquillidade de consciência vale mais do que a falta de justiça que me possa ser atribuída, continuo a considerar-me amigo dedicado do progresso de Guimarães e talvez em mais elevado grau do que aqueles que só vivem de aparências... Por mim, desde criança que fui habituado a ser leal e sincero e, porisso, nada me preocupa o que uma ou outra pessoa me possa atribuir em con-trário. Nem ofende quem quere, nem todas as vozes — mesmo humanas — chegam ao Céu. E *visitos os autos*, voltemos às deliberações da Comissão de Estética: A Estátua de D. Afonso Henriques colocada no Parque do Castelo, é o complemento daquêl so-berbo cenário onde a imagem da Pá-tria brilha como Estrela de primeira grandeza. Não tem, pois, discussão a sua transferência para êsse local. O mesmo não digo relativamente à des-locação do monumental chafariz que está no ajardinado Largo do Carmo.

Sobre isso, conversemos um pouco: E' inegável que o chafariz fica bem no Largo do Toural? E'. E' inegável, também, que o mesmo chafariz está bem e bem continuará a estar no Largo do Carmo? E'. Sendo assim, vejamos o que pode succe-der: Em primeiro lugar, é necessário atender à delicadeza da deslocação, visto poder succeder qualquer impre-visto, como o de se inutilizar alguma das peças de que é composto, por exemplo a taça principal, que já apre-senta uma fenda. Em segundo lugar, é conveniente elaborar o orçamento da despesa a fazer com essa desloca-ção, que deve ser — embora possa parecer o contrário — de bastantes milhares de escudos. Quem sabe se a despesa com a deslocação do chafa-riz, juntamente com a do arranjo do lugar onde está actualmente, porque aquêl Largo não pode ficar sem nada — quem sabe, pergunto eu, se a totalidade dessa despesa com mais uma pequena verba podem dar para colocar no Toural uma fonte igual-mente interessante, mas de feição moderna, se é que fonte se pretende co-locar nesse Largo? Dessa forma, era beneficiado com um novo melhora-mento o aformoseamento da cidade e não se retirava o antigo chafariz de onde está, desaparecendo, por outro lado, o perigo de lhe diminuir o seu valor estimativo e, bem assim, a sua beleza de velha época.

De resto, ainda é tempo para a ilus-tre Comissão de Estética pensar no caso.

Zé da Aldeia.

deira, para a venda de tabacos e jor-nais, a construir no Largo 29 de Maio. Tomou conhecimento, e reservou para estudo, do assunto de um officio do sr. Manuel Soares Moreira Guima-rães.

Deu parecer acerca da montagem de uma cabine pública, para telefone, requerida por um grupo de motoristas de Guimarães, indicando o tipo da mesma cabine e o local onde deve ser construída.

deira, para a venda de tabacos e jor-nais, a construir no Largo 29 de Maio. Tomou conhecimento, e reservou para estudo, do assunto de um officio do sr. Manuel Soares Moreira Guima-rães.

deira, para a venda de tabacos e jor-nais, a construir no Largo 29 de Maio. Tomou conhecimento, e reservou para estudo, do assunto de um officio do sr. Manuel Soares Moreira Guima-rães.

deira, para a venda de tabacos e jor-nais, a construir no Largo 29 de Maio. Tomou conhecimento, e reservou para estudo, do assunto de um officio do sr. Manuel Soares Moreira Guima-rães.

deira, para a venda de tabacos e jor-nais, a construir no Largo 29 de Maio. Tomou conhecimento, e reservou para estudo, do assunto de um officio do sr. Manuel Soares Moreira Guima-rães.

deira, para a venda de tabacos e jor-nais, a construir no Largo 29 de Maio. Tomou conhecimento, e reservou para estudo, do assunto de um officio do sr. Manuel Soares Moreira Guima-rães.

deira, para a venda de tabacos e jor-nais, a construir no Largo 29 de Maio. Tomou conhecimento, e reservou para estudo, do assunto de um officio do sr. Manuel Soares Moreira Guima-rães.

deira, para a venda de tabacos e jor-nais, a construir no Largo 29 de Maio. Tomou conhecimento, e reservou para estudo, do assunto de um officio do sr. Manuel Soares Moreira Guima-rães.

deira, para a venda de tabacos e jor-nais, a construir no Largo 29 de Maio. Tomou conhecimento, e reservou para estudo, do assunto de um officio do sr. Manuel Soares Moreira Guima-rães.

deira, para a venda de tabacos e jor-nais, a construir no Largo 29 de Maio. Tomou conhecimento, e reservou para estudo, do assunto de um officio do sr. Manuel Soares Moreira Guima-rães.

deira, para a venda de tabacos e jor-nais, a construir no Largo 29 de Maio. Tomou conhecimento, e reservou para estudo, do assunto de um officio do sr. Manuel Soares Moreira Guima-rães.

## Em CAMPELOS

### Inauguração duma nova Escola

O populoso lugar de Campelos, na freguesia de S. João de Ponte, esteve em festa no passado domingo, pois ali se inaugurava, com toda a soleni-dade, um novo edificio escolar — am-plo, higiénico e confortável — cuja construção se deve não só ao Estado e à Câmara Municipal, mas também à Direcção da Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães, que no mes-mo lugar tem um dos seus importan-tes estabelecimentos fabris e que por isso muito contribuiu para que tal melhoramento fôsse um facto, sendo por isso digna de louvor.

O local estava engalanado com ban-deiras e festões.

Pouco depois das 14 horas chegou o sr. Dr. João Rocha dos Santos, ilustre Presidente da Câmara Municip-al, que foi recebido pelos srs. Dr. Leopoldo Martins de Freitas e Gaspar Ferreira Paúl, directores da Compan-hia de F. e T. de Guimarães.

Pouco tempo depois organizou-se, na capela de S. José, um cortejo em que tomaram parte as crianças das escolas da freguesia, escutas, a banda de música das Oficinas de S. José, etc., e que se dirigiu ao novo edificio escolar, que foi solenemente benzido pelo rev. Francisco José Ribeiro, digno pároco de S. João de Ponte.

Após a breve cerimônia religiosa, o sr. Presidente da Câmara convidou o mesmo sacerdote a cortar a fita simbólica, o que êste fez no meio de muitos aplausos, inaugurando-se assim aquele novo templo da instrução.

A banda executou o hino Nacional, que a assistência ouviu no meio do maior respeito e no ar estalejaram salvas de morteiros.

Seguidamente deram entrada no edificio os srs. Dr. João Rocha dos Santos, Dr. Leopoldo Martins de Freitas, Gaspar Ferreira Paúl, Antô-nio José Pereira de Lima, Manuel Boaventura, Director Escolar do Dist-rito, prof. João Rodrigues Martins e outras entidades, bem como os pro-fessores, crianças, etc.

O sr. Dr. Rocha dos Santos fez uma breve allocução às crianças, após o que todos os assistentes se diri-giram para o salão da antiga escola onde se ia realizar uma

### Sessão solene

O recinto estava adornado com bandeiras, colgaduras e flores, sendo os convidados ali recebidos com flores que já pelo caminho lhes vinham sendo lançadas por mãos de interes-santes crianças.

A sessão presidiu o sr. Presidente da Câmara, Dr. Rocha dos Santos, que tinha a secretaria-lo os srs. Manuel Boaventura, Director Escolar do Distrito e P.<sup>e</sup> Francisco José Ribeiro, pároco da freguesia, vendo-se ainda em lugares reservados os srs. Antô-nio José Pereira de Lima, vice-presi-dente da Câmara; Dr. Leopoldo Mar-tins de Freitas e Gaspar Ferreira Paúl, directores da Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães; Pro-fessor João Rodrigues Marques, De-legado Escolar, e muitas outras pes-soas.

O sr. Dr. Rocha dos Santos abriu a sessão saudando os rapazes, os ho-mens de amanhã, os pioneiros do Estado Novo.

Cumprimentou em seguida os srs. Director Escolar, Reitor da Freguesia e Directores da Companhia de Cam-pelos, tendo a todos os seus elogios e referindo-se aos relevantes servi-ços prestados por todos, à causa da instrução, à Igreja e àquela populosa freguesia.

Em nome da Câmara Municipal apresentou-lhes affectuosos cumprimen-tos, abrindo em seguida a sessão.

Em seguida as crianças cantaram o Hino da Mocidade Portuguesa, tendo muitas delas recitado, depois, diver-sas e interessantes poesias.

Concedida a palavra ao professor da nova escola sr. Fernando Almeida, êste refere-se à transformação porque passou a escola portuguesa, após o 28 de Maio e presta homenagem aos homens que fizeram o Estado Novo para restabelecimento da Ordem no nosso País.

Referiu-se à nova escola e tece os seus louvores à Direcção da Empresa que tanto trabalhou para que fôsse um facto aquele melhoramento.

Falaram depois o sr. P.<sup>e</sup> Francisco José Ribeiro que prestou homenagem à primeira autoridade do Concelho e se felicitou pelo grande melhoramento acabado de inaugurar; e o sr. dr. Leopoldo Martins de Freitas, começa por agradecer ao sr. Dr. João Rocha dos Santos a honra que veio dar pre-sidindo àquella festa.

Referiu-se ao significado do acto da inauguração duma escola, e diz que à maior difusão da instrução corres-ponde sempre uma menor criminali-dade. Fala do empenho da Direcção da Companhia de F. e T. de Guima-rães por aquêl melhoramento, para que aos filhos dos seus operários não faltasse a luz do espirito e termina expressando o mais profundo reco-nhecimento e indelével gratidão ao sr. Dr. João Rocha dos Santos, em seu nome pessoal e no de todos os interessados.

O sr. Manuel Boaventura presta homenagem à Câmara Municipal e ao seu ilustre Presidente que há muito já admira e respeita pelas suas no-bres e raras qualidades, e faz em seguida algumas considerações à volta do problema da instrução.

Finalmente, o sr. Dr. Rocha dos

Santos encerra a sessão, felicitando os professores pelo brilho que souberam imprimir àquella festa e agrade-cendo as palavras que lhe foram diri-gidas, terminando com um viva a Portugal, que foi entusiasticamente correspondido por toda a assistência.

Todos os oradores foram muito aplaudidos.

Seguidamente, foi oferecido ao sr. Presidente da Câmara e restantes convidados um «Porto d'Honra» a que não pudemos assistir, mas sabemos ter decorrido com muito entusiasmo, sendo trocadas, no decorrer do mes-mo, affectuosas saudações.

O «Notícias de Guimarães» agrade-ce as atenções que lhe foram dis-pensadas no decorrer da festa escolar.

## Limpeza de Prédios

A Câmara Municipal tornou públi-co que, em sua sessão de 26 do cor-rente mês, deliberou dar cumpri-mento ao determinado nos artigos 78 e 80 do Código de Posturas Mun-icipais — pintura e caiação dos prédios, muros e calceiros — que se en-contram dentro de barreiras, divi-dindo-se, para isso, a cidade em quatro zonas, e notificar os seus pro-prietários a cumprirem esta delibe-ração dentro do prazo dado a cada zona, a saber:

### 1.ª ZONA

Desde 15 de Junho a 15 de Julho

Rua Dr. Joaquim de Meira, Rua Capitão Alfredo Guimarães, R. Fran-cisco Agra, e Travessa (até à Bar-reira), Rua de Gil Vicente, Avenida dos Pombais, Rua de Paio Galvão, Rua de D. João I, Rua e Largo de Trás-Gaia, Rua das Lameiras, Rua da Liberdade e Travessas, Rua Dr. Bento Cardoso, Rua de Camões, Travessa de Camões, Praça D. Afonso Henriques, Largo 28 de Maio, Avenida Cândido dos Reis e Rua Trindade Coelho.

### 2.ª ZONA

Desde 15 de Julho a 15 de Agosto

Largo da Estação do Caminho de Ferro, Avenida Miguel Bombarda, Largo da República do Brazil, até às Capuchinhas; Rua da Ramada, Viela de Soalhões, Viela da Cancela, Terreiro de S. Francisco e Traves-sas; Rua P.<sup>e</sup> Gaspar Roriz, Rua de Couros, Largo do Cidade e Traves-sas; Rua de Vila Verde, Largo do Trovador, Rua de Vila Flôr, Rua de S. Dâmaso, Travessa do Quintal, Rua Dr. José Sampaio, Rua 31 de Janeiro e Travessa da Fábrica.

### 3.ª ZONA

Desde 15 de Agosto a 15 de Setembro

Rua de Santo António, Rua Val de Donas, Largo Conselheiro João Franco, Rua da República e Traves-sas, Viela da Arrochela, Rua Dr. Avelino Germano e Travessas; Rua dos Açouques, Rua de Alcobaca, Rua do Anjo, Rua de Egas Moniz, Eira-do do Forno, Rua de Donaês, Rua João de Melo, Largo 1.º de Maio, Largo da Oliveira, Rua Elias Garcia, Rua dos Açoutados, Largo 13 de Fe-vereiro, Rua Dr. António da Mota Prego e Rua do Serralho.

### 4.ª ZONA

Desde 15 de Setembro a 15 de Outubro

Rua Gravador Molarinho, Rua 5 de Outubro, Rua e Largo dos Laran-jais, Largo Cônego José Maria Gome-s, Rua de Serpa Pinto, Rua P.<sup>e</sup> António Caldas, Travessa do Sabu-gal, Largo Martins Sarmiento, Rua do Conde D. Henrique, Rua de Santa Bárbara, Avenidas Novas, Estrada de Fafe, Campo do Salvador, Rua d'Arcela (até à passagem de nível); e Rua de S. Torcato (até à viela para a Rua d'Arcela).

Aos transgressores será aplicada a multa estabelecida por Lei.

E para constar e não haver igno-rância mandou publicar editais que vão ser afixados nos lugares do cos-tume.

UM PRAZER  
QUE NÃO ESQUECE  
É  
QUANDO SE BEBE  
LARANJADA  
LUSORANJA.  
Lusoranja.

## MUDANÇA DE FEIRAS

A Câmara Municipal tornou públi-co, para conhecimento dos inter-ressados, que em sua sessão de 26 do corrente mês, deliberou, por una-nimidade, que a partir do dia 15 do próximo mês de Junho, seja, provisó-riamente, transferida a Feira de cereais e outros géneros, que actual-mente se realiza no Largo da Con-dessa do Juncal, para a Praça do Mercado; e a Feira de Alfaias Agri-colas e outros artigos, que se realiza no Largo de João Franco, passe a realizar-se no Largo da Condessa do Juncal.

E para constar e não haver igno-rância mandou publicar editais, que vão ser afixados nos lugares do cos-tume, e em todas as freguesias dêste concelho.

# da cidade

## Diversas Notícias

### Um centenário comercial

Conforme noticiamos, os nossos prezados amigos e conceituados comerciantes locais, srs. Manuel da Cunha Machado, Filhos, comemoram festivamente, na passada segunda-feira, o 1.º Centenário do seu estabelecimento, na posse da família, revestindo essas comemorações, embora modestas, muita imponência.

Na Basílica de S. Pedro e com a assistência da Família Cunha Machado e muitas pessoas das suas relações, instituições de caridade, etc., celebrou-se às 10 horas um termo de missas com acompanhamento a harmonium pelo amigo íntimo daquela família e distinto organista, sr. Francisco Correia Lopes. No final foram distribuídas esmolas aos pobres.

Os nossos amigos srs. Manuel da Cunha Machado, Filhos, mandaram também servir um abundante «lunch» aos presos da cadeia.

Durante o dia aqueles nossos amigos foram muito felicitados, em sua casa, por numerosas pessoas que ali foram para tal fim.

A Banda dos B. V. de Guimarães esteve no domingo junto do estabelecimento a executar o Hino da Cidade, associando-se às festas comemorativas, e a Orquestra Vimaranesense também ali foi, para da mesma maneira se associar às festas centenárias, na noite de segunda-feira, tendo realizado um interessante concerto.

Aos nossos prezados amigos srs. Manuel Joaquim e Joaquim António da Cunha Machado, bem como a seu pai o também nosso amigo sr. Manuel da Cunha Machado, renovamos os nossos cumprimentos.

### Santuário Eucarístico da Penha

Registaram-se mais os seguintes donativos:

Operários da Fábrica de José Pinheiro Guimarães, 1 dia de trabalho, 140\$000; Lino Teixeira de Carvalho, de Lisboa, 500\$000; Receita do espectáculo de cinema, 3.551\$000; Donativos angariados pela Companhia Rentini no mesmo espec., 265\$990.

No próximo domingo, 11 do corrente, organizada pelos Mestres da construção civil, vai realizar-se uma carreada de materiais para as obras do Santuário Eucarístico. Os piedosos lavradores das freguesias vizinhas da cidade, associando-se à iniciativa, prontamente se oferecem para fazer o transporte nos seus carros caprichosamente engalanados à frente da sua típica e regional festada.

### Ocorrências

**Agressão**  
No lugar do Cemitério, da freguesia de Caldelas, após uma troca de palavras, entravaram-se em desordem, no regresso da Romaria do Espírito Santo, de Braga, Adão de Freitas, solteiro, de 21 anos, penteiro, da freguesia de S. Clemente de Sande e Joaquim Francisco da Silva, solteiro, jornalista, de 24 anos, da freguesia de S. Lourenço de Sande, saindo bastante ferido o Joaquim Francisco da Silva, que recolheu ao Hospital da Misericórdia. O agressor foi preso pela G. N. R.

**Desastre**  
Num prédio pertencente ao nosso bom amigo sr. Antero Henriques da Silva, por se ter desequilibrado da escada em que trabalhava, deu uma queda da qual saiu bastante ferido o operário Manuel Paulo, casado, trôlha, de 34 anos de idade, desta cidade, que recolheu ao Hospital da Misericórdia, em estado grave.

**Atropelamento**  
No lugar de Caneiros, da freguesia de Fermentões, deste concelho, foi atropelado António Mendes, soldado do Batalhão de Caçadores 9, da cidade de Braga, quando seguia em direcção àquela cidade, pelo veículo automóvel M N 39-04, conduzido pelo seu proprietário Nelson Coelho Pereira, casado, comerciante da cidade do Porto, do qual resultou o ciclista ficar bastante ferido, pelo que teve de ficar internado no Hospital da Misericórdia, desta cidade.

Os dois veículos ficaram bastante danificados. O motorista, depois de prestar socorros ao atropelado apresentou-se à Polícia.

### Comemorando o 28 de Maio

Comemorando a histórica data do 28 de Maio, uma banda de música percorreu as ruas da cidade e no espaço estalejaram salvas de morteiros. As repartições públicas e outros edifícios, embandeiraram as suas fachadas e, à noite, no Jardim Público, a Banda dos B. Voluntários realizou um concerto.

### Registo Civil

O movimento nesta Repartição no mês de Maio foi o seguinte: nascimentos, 247; óbitos, 86; casamentos, 23.

### Cemitério Municipal

O movimento de enterramentos no Cemitério Municipal no mês de Maio, foi o seguinte: Adultos, sexo masculino, 3; idem, sexo feminino,

9; Adolescentes, sexo masculino, 11; idem, sexo feminino, 5 Total, 23.

### Grupo Excursionista «Viva Portugal»

Na sua passagem, hoje, por esta cidade e em direcção a Amarante, o grupo excursionista português «Viva Portugal» presta homenagem ao Fundador da Nacionalidade, colocando um ramo de flores junto do seu monumento.

### Legião Portuguesa

Hoje às 9,30 horas realiza-se um exercício de preparação para o exercício final que terá lugar no próximo domingo.

### Boletim Elegante

#### Major Mário Cardoso

*Acaba de ser promovido a Major, depois duma brilhante prova, o nosso prezadíssimo amigo e Ilustre Presidente da Sociedade Martins Sarmento, sr. Capitão Mário Cardoso, sendo isso motivo para que apresentemos a sua ex.ª os nossos sinceros e respeitosos cumprimentos e as nossas mais calorosas felicitações.*

#### Dr. Américo Durão

*Tem passado ligeiramente incomodado o nosso prezado amigo e ilustre colaborador sr. dr. Américo Durão, a quem desejamos o mais rápido e completo restabelecimento.*

#### Bernardino Jordão

*Regressou de Lisboa, onde esteve uns dias, o nosso prezado amigo sr. Bernardino Jordão.*

#### De regresso

*De regresso de Santos, Brasil, chegaram na quinta-feira a esta cidade e tiveram na Estação do Caminho de Ferro uma manifestação carinhosa, os nossos prezados amigos e conterrâneos srs. Gaspar Lopes Martins e Amadeu Lopes Martins e sua esposa.*

*Muitas pessoas que admiram as belas qualidades de que são possuidores aqueles nossos amigos, foram a sua casa apresentar-lhes os seus cumprimentos de boas vindas.*

*O «Notícias de Guimarães», também lhes apresenta os seus sinceros e respeitosos cumprimentos.*

#### Partidas e chegadas

*De Braga regressou às suas propriedades de Ronfe a sr.ª D. Maria Constança de Sousa Bandeira Guimarães.*

*— A uso de águas encontra-se no Gerez o nosso prezado amigo sr. Tenente-Coronel Francisco Martins Ferreira.*

*— De Lisboa regressou às Caldas das Taipas o nosso prezado amigo sr. José Ribeiro de Castro.*

#### Pedido de casamento

*O sr. Emídio Batista de Oliveira, de Lisboa, Ilustre Capitão de Marinha Mercante, pediu há dias em casamento para seu irmão o sr. Dr. João de Oliveira, a sr.ª D. Eulália Pereira, filha do saudoso vimaranense sr. Luís António Pereira. O enlace matrimonial deve realizar-se brevemente em Lisboa. Aos noivos desejamos muitas prosperidades.*

## Vida Católica

### Conclusão do Mês de Maria

Nos diversos templos da Cidade realizou-se, com muito brilho, a conclusão do Mês de Maria.

— Em Campelos, na capela de S. José, privativa da Companhia de F. e T. de Guimarães, realiza-se hoje a conclusão do Mês de Maria, que constará do seguinte programa:

A's 6 horas, comunhões gerais.  
A's 8,30, será levado processionalmente aos operários enfermos, o sagrado Viático, incorporando-se a ex.ª Direcção da Comp.ª e todo o pessoal da fábrica de Campelos.

A's 9 horas, missa cantada pelo Orfeão dos escuteiros daquela localidade, subindo ao púlpito, ao evangelho, o Rev. P.ª António Quesado.

### Festa do Corpo de Deus

Conforme programa que já publicamos nesta secção, realiza-se na próxima quinta-feira, com a maior imponência, a festividade do Corpo de Deus, na igreja das Dominicãs e que será presidida pelo Rev. Bispo de Arena.

A Confraria do SS.ª Sacramento de S. Sebastião, promotora da Processão do Corpo de Deus, pede aos habitantes desta cidade, que, seguindo uma tradição gloriosa, iluminem as fachadas das casas no dia 7 do corrente, véspera da festa de Corpus Christi.

### Peregrinação a Fátima

Dia a dia cresce o entusiasmo pela grandiosa manifestação de Fe que no dia 12 de Junho próximo irá até à Cova da Iria, em combóio especial, implorar da Virgem de Fátima a Paz para o mundo e em especial para a nossa querida Pátria.

Sua ex.ª rev.ª o sr. Bispo de Leiria convidou o rev. P.ª Domingos da Silva Gonçalves, director espiritual da peregrinação, a fazer as pregações em Fátima, bem como a orientar e dirigir as diversas cerimónias de adoração, bênção aos doentes, etc.

Este facto representa uma sensibilizada honra para Guimarães, para o convidado e peregrinos.

# Festas da Cidade

A convite do sr. António José Pereira de Lima, Ilustre Presidente da Comissão Executiva das Festas da Cidade, reuniram-se, na sexta-feira, à noite, no salão nobre da Associação Comercial e Industrial de Guimarães, diversas entidades, a fim de se dar início aos trabalhos para a realização das «Gualterianas».

Presidiu à reunião o sr. António José Pereira de Lima, que agradeceu a todos a sua colaboração, solicitando-lhes a sua colaboração para que as festas se façam com o maior brilho.

O sr. Silvino Alves de Sousa, incansável Presidente da Associação Comercial e Industrial leu os nomes das pessoas que foram escolhidas para a organização dos seguintes serviços:

**Praça de Touros, Feiras Francas, Concursos de Gado, Marcação de lugares e Pólo:**  
Direcção da Associação Comercial e Industrial de Guimarães.

**Marcha Gualteriana:**  
Sindicato N. dos Empregados do Comércio.

**Ornamentações e iluminações:**  
José Luis de Pina, João Dias Pinto de Castro, Agostinho Dias Pinto de Castro, Francisco Ferreira de Oliveira e Francisco Ribeiro de Castro.

**Excursões:**  
Américo Alves Ferreira, Aurélio de Barros Martins e Fernando Setas.

**Festivos e Propaganda:**  
Manuel Alves de Oliveira, Director da Revista de «Gil Vicente»; Directores do «Comércio de Guimarães»; do «Notícias de Guimarães»; do «Ressurgimento»; Correspondentes de «O Comércio do Porto», «O Primeiro de Janeiro», «Jornal de Notícias» e «Correio do Minho».

**Músicas:**  
Rodrigo Fernandes da Costa Abreu.

**Trânsito:**  
Oscar Avelino Pires.

**Jardim Público:**  
António Laranjeiro dos Reis.

Por uma gentil deferência, sua ex.ª rev.ª pôs à disposição dos peregrinos do combóio especial uma casa onde podem recolher os seus objectos de uso imediato.

O combóio partirá de Guimarães às 6 horas, devendo estar de regresso às 24 horas do dia 13.

Do Porto, Braga, Póvoa de Varzim e outras localidades, teem sido pedidos bilhetes para em Campanhã se associar à grandiosa Peregrinação da nossa cidade e freguesias.

Na Trofa será celebrada missa, têrço, bênção e comunhão geral a todos os peregrinos que seguem no combóio especial.

**Festa de Santo António**  
A Mês da Irmandade de Santo António, erecta na capela da V. O. T. de S. Domingos, resolveu imprimir o maior brilho possível à festividade em honra do seu Padroeiro, que se realiza no próximo dia 13 de Junho e na qual será orador um ilustrado sacerdote.

**HOMENAGEM a Mgr. João Ribeiro**  
A Comissão promotora da homenagem a Monsenhor João Ribeiro, que se realiza nesta cidade no dia 15 de Junho, continua a receber muitas adesões, devendo dentro em breves dias ser publicado o programa da justa consagração ao Arcipreste de Guimarães.

**Grupo Excursionista «Amigos do Sagrado Coração de Jesus»**  
A direcção deste grupo promove no dia 9 do próximo mês de Julho uma peregrinação a Nossa Senhora da Assunção, em Santo Tirso, em acção de graças a Nossa Senhora pelas Bódas de ouro Sacerdotais de Mons. João António Ribeiro.

A viagem é feita em combóio, atendendo à redução de preços que a direcção do referido grupo conseguiu da Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte.

De esperar é que muitas centenas de pessoas tomem parte nessa romagem piedosa ao lindo monte Córdova, que serve de trôno à Virgem.

Tôdas as pessoas que desejem tomar parte nesta peregrinação podem desde já inscreverem-se na Sacristia de Nossa Senhora da Oliveira, ou no estabelecimento de António Antunes da Cunha, à rua da República, 62.

## Câmara Municipal

**Sessão de 26 de Maio** — Em sua sessão de 26 a Câmara Municipal deliberou autorizar os seguintes pagamentos: 5.000\$000 à «Casa dos Pobres», da verba orçada para a mesma; 1.000\$000 ao Arquivo Municipal; 3.600\$000 à Casa de Saúde do Bom Jesus, de Braga, para pagamento das despesas de três internados pobres deste concelho; 1.000\$000 ao Club de Caçadores das Taipas.



António José Pereira de Lima, Ilustre Presidente da Comissão Executiva das FESTAS DA CIDADE

**Ornamentações Particulares:**  
Fernando Gilberto de Sousa Pereira, Eutelério Ramos Martins Fernandes e José Ramos Martins Fernandes.

**Tesoureiro:**  
Camilo Laranjeiro dos Reis.

Terminou por fazer algumas considerações breves e oportunas, convidando em seguida e em nome do sr. Presidente das Festas todos os assistentes a subirem ao 2.º andar da casa, onde gentilmente lhes foi oferecido um delicado «Porto d'Honra», que deu motivo à troca de entusiásticos brindes, os quais visaram a Câmara Municipal e o seu Ilustre Presidente sr. Dr. João Rocha dos Santos, o Sr. António José Pereira de Lima, a Associação Comercial e Industrial de Guimarães, etc.

Ficou deliberado que as comissões nomeadas reúnem semanalmente, às terças-feiras, às 22 horas, no salão nobre da Associação Comercial e Industrial, para trocarem impressões e tomarem conhecimento dos trabalhos.

Resolveu mais: demolir o microtório situado no Largo 28 de Maio; transferir provisoriamente a Feira dos Cereais para a Praça do Mercado e a Feira de Alfaias Agrícolas e outros artigos para o Largo da Condessa do Juncal; adjudicar a Sebastião de Freitas a obra de caiação da Escola do Coração de Jesus, sexo feminino, por 310\$000 e proceder à reparação das retretes por administração directa.

Pelo sr. Presidente foi apresentada a seguinte proposta, sendo aprovada por unanimidade: «A Câmara Municipal resolve prestar as suas mais calorosas homenagens a S. Ex.ª o sr. Presidente do Conselho pelo notável discurso proferido na Assembleia Nacional, no qual defeniu com brilho e o mais acendrado patriotismo, a posição de Portugal perante as outras Nações».

Pelo vereador sr. dr. José Maria de Castro Ferreira, foi apresentada a seguinte proposta, que foi aprovada: «A Imprensa local referindo se por maneira que julgo exagerada, ao custo das plantas mandadas realizar pela Câmara da Presidência do sr. Magalhães Couto, proponho, por isso, que se mande proceder a averiguações sobre o quantitativo exacto desse custo, a fim de se esclarecer a verdade».

Foram deferidos vários requerimentos.

## FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

**De luto**  
Pelo falecimento de sua extremosa mãe encontra-se de luto a nosso amigo sr. José Paredes, hábil cabeleireiro, a quem apresentamos as nossas condolências.

**Sufragando**  
Na passada quinta-feira, 1 de Junho, às 7,30 horas, celebrou-se na igreja da Misericórdia a missa do 7.º dia por alma da sr.ª D. Belém Rosa de Sousa Peixoto.

## Festas e Romarias

**Festa do Espírito Santo**  
Foi muito concorrida e decorreu com muito brilho a festa do Espírito Santo realizada no pitoresco lugar da Lapinha, freguesia de Calvos, deste concelho, e que foi abrilhantada por uma banda de música.

**Santa Vera Cruz**  
Decorreu com muito brilho a festa em honra de Santa Vera Cruz que se realizou na Rua P.ª António Caldas, desta cidade, e foi abrilhantada pela Banda das Taipas, que durante a tarde e primeiras horas da noite, em elegante corêto, executou várias peças do seu vasto repertório.

## Teatro Martins Sarmiento Misericórdia de Guimarães

Companhia Maria Matos — Conforme estava anunciado, a Companhia Maria Matos realizou em Guimarães, no nosso magnífico Teatro, duas representações com as comédias: «Os Anjinhos» e «A Fidalga de Arronches».

A primeira representação, com os «Anjinhos», na segunda-feira, parece não ter agradado tanto ao nosso público — e connosco sucedeu o mesmo — como a segunda com «A Fidalga de Arronches», em que a grande actriz Maria Matos se destaca no papel de Capitulina, sendo o conjunto admirável.

Esta última peça tem mais teatro, o seu enredo é interessante e despretada de acto para acto uma maior curiosidade nos espectadores, o que não sucede com «Os Anjinhos». O desempenho, porém, de uma e outra peças e por parte de toda a Companhia, foi impecável e revelou-nos os dotes artísticos não só da grande Maria Matos mas também de Joaquim Prata, Gil Ferreira, Mendonça de Carvalho, António Palma, etc.

Bons cenários e bom guarda-roupa. A orquestra agradou.

Em ambas as representações o público, se bem que não fôsse escasso, não encheu a grande casa de espectáculos, mas não se cansou de palmear todos os artistas que tomaram parte nas duas récitas.

**Grande Companhia de Opera Italiana** — Em virtude de a assinatura aberta não cobrir a despeza com a deslocação a esta cidade da Grande Companhia de Opera Italiana, ficaram sem efeito os espectáculos que a mesma Companhia deveria realizar nos dias 12 e 13 do corrente, no Teatro Martins Sarmiento.

**Donativos para o Santuário da Penha**

D. Beatriz Paiva Costa	50\$00
D. Maria da Conceição Garrido Meireles	10\$00
Dr. Mário Dias	10\$00
D. Eulália Bastos	200\$00
D. Emilia Aldão	30\$00
D. Maria Martins Aldão	100\$00
Dr. José Maria de Castro Ferreira	50\$00
D. Maria da Madre-de-Deus Martins Faria	20\$00
António Laranjeiro dos Reis	10\$00
Francisco Vaz da Costa Marques	100\$00
António da Costa Marques	10\$00
D. Maria Amélia de Sousa Pereira	70\$00
João Santos	50\$00
Fábrica de Roldes	200\$00
Sebastião Aguiar	20\$00
Américo Rodrigues	20\$00
António Rodrigues	20\$00
Sebastião Carvalho	10\$00
José Ribeiro	25\$00

(Continua.)

## Movimento hospitalar no mês de Abril de 1939

**Hospital Geral de Santo António**  
Consultas no Banco, 217.  
Receitas abonadas a doentes externos, 152.  
Parturientes recolhidas, 10.  
Crianças nascidas, 9, sendo 3 do sexo masculino e 6 do sexo feminino.  
Doentes existentes no último dia do mês de Março, 115.  
Doentes entrados durante o mês de Abril, 136.  
Doentes saídos: Curados, 97.  
Melhorados, 41.  
No mesmo estado, 6.  
Falecidos, 12.  
Ficaram existindo no último dia do mês de Abril, 89.  
Banhos dados no balneário, 167.  
Operações de grande e pequena cirurgia, 76.  
Transfusões de sangue, 0.  
Curativos feitos no Banco, 1.688.  
Oftalmologia: — Operações, 1.  
Curativos, 530.  
Injecções aplicadas, 1.553.  
Sessões de Raios ultra-violetas, 250.  
Sessões de Diatermia, 154.

## Hospital António Francisco Guimarães-Vizela

Consultas no Banco, 12.  
Doentes existentes no último dia do mês de Março 19.  
Doentes entrados durante o mês de Abril, 7.  
Doentes saídos: Curados, 3.  
No mesmo estado, 0.  
Melhorados, 0.  
Falecidos, 1.  
Ficaram existindo no último dia do mês de Abril, 22.  
Operações de pequena cirurgia, 0.  
Curativos feitos no Banco, 92.  
Injecções aplicadas, 58.

## PROPRIEDADE

Vende-se uma propriedade, em S. João de Brito, lugar do Couto, dando dois carros de medidas e cerca de três pipas de vinho, tendo casa de habitação para o caseiro. Informam os srs. António de Freitas e Manuel da Rocha, de Ronfe. (72)

## Lêr a 4.ª página

O amor à Terra e à Grei — eis o nosso lema.

**TEATRO MARTINS SARMENTO EM PRÉSENTAÇÃO DE JORDÃO & C.ª**

**HOJE, pelas 15 1/2 e 21 1/2 horas**

A célebre obra de Stevenson numa esplendorosa super-produção que empolga pela sua realização:

**O LIBERTADOR DA ESCÓCIA**

interpretada por **FREDDIE BARTHOLOMEW-WARNER BAXTER-ARLEEN WHELAN.**

**QUINTA-FEIRA, 8**

Um grandioso espectáculo musical

**A RAPARIGA DO EL Dorado**

com **JEANETTE MAC DONALD e NELSON EDDY.**

**BRASIL**

Secção de Procuradoria da Casa Bancária

**CUPERTINO DE MIRANDA & C.ª**

SÉDE: — Rua Sá da Bandeira, 56 — PORTO

A mais perfeita organização de serviços de administração de bens em todos os Estados do Brasil. Compra e venda de prédios e papéis de crédito; cobranças de alugueis, juros e dividendos; hipotecas, inventários e liquidação de heranças.

Comissões extremamente reduzidas. — Transferências rápidas.

DELEGADOS EM: — Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, Porto Alegre, Bahia, Pará, Pernambuco, etc.

**LUSORANJA**

A MAIS DELICIOSA LARANJADA DE PORTUGAL

Feita com a puríssima Água de Luso.

**ORANJA. LUSORANJA.**

Condigna Homenagem

(Continuação)

ta-se deste modo: «Risque-me de sócio, que só o torno a ser quando vierem dois avançados novos». E ainda está outro: «Pegue lá o cartão, que me zanguei com a besta do...» um director qualquer... E assim por diante, poder-se-ia apresentar milhe-ros exemplos.

Há-os também perspicazes, solertes: são os que, finda a época oficial, abandonam o Club, para regressarem no início da época seguinte, deixando as gerências sem recursos quando d'elles mais precisam.

Claro que se, para a época se- guinte, obedecendo às indicações for- necidas pela precedente, houver necessidade de remodelar os quadros de praticantes, nada se pode fazer, porque os industriais — que são, no geral, os mais afeiçoados ao crí- tico — não se podem ser de todo mau soldado quando se tem este excelente capitão.

Oxalá que a lição resultante desta solenidade seja bem aprendida. Votos fervorosos faço eu e faz a direcção do Vitória por que nas gerências futu- ras haja motivo para outras festas como esta.

Nesta, amigo Virgílio, colaboram e estão colaborando muitas pessoas — e a ela se associaram muitíssimas que não estão aqui.

A direcção do Vitória desempe- nha-se do dever de agradecer, muito reconhecidamente, a todos, e em es- pecial às individualidades que, num gesto enternecedor de carinho e affecto, se quiseram associar à homenagem — porventura a mais significativa que se tem prestado nesta Casa — presen- teando o homenageado com prendas que, embora de estima material, val- lem sobretudo pela intenção da oferta.

O agradecimento da direcção é ca- loroso — o do Virgílio será perene. — Aos representantes da Imprensa manifestamos igualmente o nosso re- conhecimento e inmensa satisfação por os ver. Deles destacamos os da im- prensa local — que tão de licada nos tem sido — e a todos rogamos o obsé- quio de, para a tornarem ainda mais significativa e proveitosa, pelo exem- plo, darem, dentro da medida do possível, a maior repercussão a esta homenagem.

Meus Senhores:

Perfilho a opinião de Sílvio Lima quando diz que «o desporto, consti- tuindo uma actividade não-utilitária, desinteressada, pura — necessita de assentar, como sua condição, numa actividade profissional anterior».

De que assim não seja, prática- mente, não tem culpa os chamados «jogadores profissionais»: o sistema actualmente adoptado nos organismos desportivos portugueses não foram d'elles que o fizeram. Os responsáveis são precisamente os agora impotentes para remediar os pavorosos defeitos d'esse sistema.

Diz, noutro passo, Sílvio Lima: — «Na vida, porém, nem tudo po- de e deve ser contemplado sob o es- treito ângulo do interesse pecuniário. Pergunta a um nadador que se em- bala, como tritão, no verde rôlo ma- rinho: — «Quanto ganhais vós em moeda durante a hora em que na- dais?» — «O homem de Deus!» — re- torquirá êle. Eu não vim aqui nadar com mira de obter dinheiro. Precisa- mente porque tenho ganho dinheiro com o meu trabalho é que venho e quero nadar agora. O trabalho de o- tem permite-me o desporto de hoje».

Em resumo: o desporto — como desporto — não é uma profissão. Da- qui se tira já um corolário importan- tíssimo: é que o desporto não está antes, mas depois da profissão; aquele pressupõe esta. Se o desporto não é profissão, e se na grei — para viver honesta e superiormente — há que desempenhar uma profissão (seja ela qual fôr, porque o trabalho é lei humana e divina) segue-se que o des- porto constitue um exercício *luxuoso*. Para se fazer desporto é mister que o organismo não padeça fome. O ho- mem, agrihloado pela miséria e ana- valhado pela fome, não se lembra de jogar o hokey ou o bolapé, de piti- nar, de esgrimir, de cavalgar. Tudo isso (que é muito lindo) não lo pro- duz numerário, e é de dinheiro que êle necessita para abafar o grito im- perioso do estômago.

«Primum vivere, deinde ludum fa- cere». O desporto pressupõe certo *desafogo* económico, certo bem estar físico, certo domínio agronómico do presente. Ao desempregado, que re- quere trabalho para o desemprego da sua profissão agora entravada («direi- to ao trabalho», proclama Luis Blanc) não se pode explicar, a não ser por sarcasmo: «Homem! Faça despor- to!».

Não serão desactualizadas estas re- ferências à obra do illustre ex-professor universitário no momento em que — finalmente! — se vai tratar do espe- cial assunto que nesta casa nos reuniu. Virgílio de Freitas — o Virgílio *tout court* — é o desportista tal como Sílvio Lima, numa concepção ideal e muito difficilmente realizável, queria que todos fôssem.

— Dispense generosamente as suas energias há muitos anos, envergando sempre a mesma camisola, cada vez mais amando o Club que serve com inultrapassável dedicação.

Seria razoável que já lhe houvesse chegado a hora da reforma — e êle mostra-se ainda indispensável nas ocasiões de maior perigo.

E' que o seu valor não provém exclu- sivamente da sua habilidade, do jeito, da sua forma: tem fundas raí- zes: o seu enraizado amor à Causa.

Sempre a mesma fé — nos momen- tos de glória, nos de desânimo e de vicissitudes.

Estóico, no suportar, sem azedume, as fáceis críticas dos mil e um fáceis técnicos que enxameiam na nossa Terra.

Exemplar. Raro esta expressão — *exemplar comportamento* — se terá aplicado com tanta propriedade. Como cidadão, revela as mais ex-

celsas virtudes cívicas: honrado, lial, cumpridor, amigo do seu amigo. Proletário, é dos que se destacam na sua modesta mas dignificadora profissão, mercendo o respeito de todos — camaradas e patrões.

Chefe de família — modelar. Sua mulher e seus filhos — e depois o Vi- tória — são os seus mais queridos amores.

E eis porque, pertencendo a uma classe das consideradas *humildes*, se elevou a ponto de lhe votarem pro- funda estima quantos o conhecem.

Não é o prestígio da bola (per- dêm-me a expressão) que mais o distingue, não: — é o prestígio que aureola o homem de carácter.

O Virgílio é, acima de tudo, antes de tudo — *homem de carácter*.

— A homenagem que hoje se lhe presta reflecte-se de algum modo nos seus companheiros de *equipe*, pois não se pode ser de todo mau soldado quando se tem este excelente capitão.

Oxalá que a lição resultante desta solenidade seja bem aprendida. Votos fervorosos faço eu e faz a direcção do Vitória por que nas gerências futu- ras haja motivo para outras festas como esta.

Nesta, amigo Virgílio, colaboram e estão colaborando muitas pessoas — e a ela se associaram muitíssimas que não estão aqui.

A direcção do Vitória desempe- nha-se do dever de agradecer, muito reconhecidamente, a todos, e em es- pecial às individualidades que, num gesto enternecedor de carinho e affecto, se quiseram associar à homenagem — porventura a mais significativa que se tem prestado nesta Casa — presen- teando o homenageado com prendas que, embora de estima material, val- lem sobretudo pela intenção da oferta.

O agradecimento da direcção é ca- loroso — o do Virgílio será perene. — Aos representantes da Imprensa manifestamos igualmente o nosso re- conhecimento e inmensa satisfação por os ver. Deles destacamos os da im- prensa local — que tão de licada nos tem sido — e a todos rogamos o obsé- quio de, para a tornarem ainda mais significativa e proveitosa, pelo exem- plo, darem, dentro da medida do possível, a maior repercussão a esta homenagem.

Senhores:

Antes de terminar, dois pedidos formula, com o mais veemente ardor, a direcção do Vitória.

— Ao sr. representante do *Muni- cipio*: que a Câmara nunca deixe (não deixará, com certeza) de prestar o seu auxilio a esta colectividade que tanto tem prestigiado o nome de Guimaráis.

Há um problema instante, inadiv- el, a resolver: o do campo de jo- gos, de atletismo, de educação física. Quem o resolver marcará na história da Nossa Terra um lugar de insupe- rável relevo.

— Aos *vimaranenses*: que cum- pram o dever de ajudar este Club.

O Vitória tem sido, de há anos a esta parte, a vossa melhor embaixada de propaganda, levando o nome de Guimaráis por esse País fora e pelo País fora deixando grata e honrosa memória da sua passagem.

As grandes difficuldades do Vitória — que têm impedido e impedirão, de êle se desempenhar das suas funções como deveria — são de ordem ma- terial.

Porquê? — Porque lhe falta a ajuda — porfiada, contínua, dos vimara- nenses.

Uma colectividade desportiva não vive, não deve viver, sómente para os campeonatos de futebol ou doutra qualquer modalidade de competição: os seus objectivos vão muito mais longe, são muito mais úteis, muito mais vantajosos, de muito maior alcance. O desporto deve ser «uma escola e officina de aformoseamento e corrigimento plásticos» e até mesmo de formação mental e espiritual, de- vendo, por isso, contribuir poderosa- mente para a «desmecanização da vi- da moderna».

Sem recursos, — nada, nem uma coisa, nem outra. Vida negativa, atribulada, martirizante, que torna em sacrificio inenarrável o desempenho de qualquer cargo de gerência.

Virgílio, meu querido Amigo:

— A direcção do Vitória considera como a hora mais feliz da sua gerên- cia aquela em que resolveu prestar- te homenagem, conferindo-te a elevada distincção com que os Estatutos galard- dão os mais relevantes serviços: *sócio honorário*.

Creio que, fazendo-te esta afirma- ção, em absoluto correspondente à verdade, manifesto do melhor modo os nossos sentimentos.

A tua passagem pelo Vitória — que muito ainda espera e precisa de ti — fica assinalada como admirável exem- plo de amor clubista e de indefectível dedicação. Quantos desertaram! — e tu, firme, resolutivo, digno, sempre igual a ti mesmo, no teu posto. Encorajante exemplo o teu — se não atentarem, como devem, dirigentes e dirigidos.

O meu abraço, Virgílio, é o abraço de todos os homens de bem da Tua e Nossa Terra.

José Pereira de Lima convidou a fi- lliãta mais velha de *Virgílio* a descer- rar o retrato de seu Pai — o que deu motivo a uma grandiosa manifestação de aprêço pelo exemplar jogador. Ainda o senhor António Lima se di- gnou gentilmente a fazer a entrega ao homenageado de variadas prendas oferecidas por alguns dos seus admi- radores: Fernando Setas, João Dias Pinto de Castro, António de Freitas Soares e Adriano Almeida; António Teixeira de Freitas, António Azevedo, José de Oliveira, Manuel de Cas- tro Ferreira e Carlos Ribeiro; um anónimo; Benjamin Pereira dos Santos e António Barbosa de Oliveira; um admirador; um anónimo; José Soares e Adriano Sampaio; Pinheiro & Oliveira, António de Pádua (Bravo), Agostinho Dias de Castro, Alb.º Oli- veira, Amadeu Guimarães, Casa Fer- reira da Cunha, por intermédio de António Neves e Casa das Gravatas. Participaram também noutras ofertas os srs. Amadeu José de Carvalho, Manuel Fernando Braga, da Casa Braga & Carvalho, João Ribeiro, da Casa Ribeiro & Martins e Miguel Teixeira. Encerrada a sessão, pelo sr. Presidente, foi o homenageado cumprimentado pela Direcção, seus colegas de *equipe*, José Rocha, re- presentante do «Moreirense Futebol Club» e restante público.

Em gabinete contíguo, foi ofereci- do ao homenageado, convidados e jogadores um *Porto de Honra*, em que brindaram por Virgílio os excelentíssimos senhores: Amadeu da Costa Carvalho, António Faria Mar- tins, António de Pádua (Bravo), Cap- itão-substituto do *team*, Alberto Augusto, treinador, António José Pe- reira de Lima e Dr. José Pinto Rodri- gues. A apresentar cumprimentos veio, naquele momento, o Ex.º Sr. Dr. José Maria de Castro Ferreira, dignissimo Presidente da «Sociedade Columbófila Vimaranense» e illustre Vereador Municipal. Por último, em palavras singelas e despidas de qual- quer vaidade, Virgílio de Freitas agradeceu a homenagem que acabavam de lhe prestar e afirmando que toda a sua actividade de desportista só tem em mira o engrandecimento do nome da sua Terra.

Como se disse, no n.º anterior, a fotografia inaugurada foi gentilmente oferecida pelo proprietário da Foto- Beleza, desta cidade, sr. Manuel Machado. E' um trabalho condigno da reputação artística do nosso prezado confratâneo.

A Imprensa fez-se representar lar- gamente, vendo-se o «Comércio de Guimarães», «Resurgimento», «Pri- meiro de Janeiro», «Sports», «Cor- reio do Minho», «Diário do Minho», «Jornal de Notícias» e «Noticias de Guimarães».

A Foto-Cine, desta cidade, aprovei- tou também a oportunidade de pres- tar homenagem a Virgílio, fazendo al- gumas fotografias, que expôs na Casa do sr. Camilo Laranjeiro dos Reis.

— C.

Posturas Municipais, que, no momen- to, não temos à mão.

E' claro que é vexatório, censurável e nojento até, que, em plena rua cen- tral, por exemplo — onde o movimen- to é maior — se assista às cevas ver- gonzosas a que êsses cães vadios por aí dão lugar — muitas vezes com gan- dio e estupidéz do garotito (porque gente de senso não pode ser!) que, em vez de os afugentar, escorraçando-os, ainda assiste a elas com aquela absoluta imoralidade que define bem a falta de conhecimentos dos deveres cívicos e sociais!

A lembrança aí fica, certos de que é justo ser atendida. Assim o esperamos.

— Faz muito bem a Guarda Repu- blicana em não consentir, — e em fazer circular — os rapazes que fazem ajuntamento nas esquinas dos pontos centrais da vila, e, muito especialmen- te, à porta do Turismo, estabelecendo ali o seu ponto de reunião... onde nada aprendem de proveitoso, mas, pelo contrário muita vez usam de vo- cabulário impróprio e inconveniente..

Também achamos muito convenien- te a continuação da medida posta em prática pela mesma Guarda no sentido de fazer as suas rusgas habituais — quando as julgar precisas — às ta- bernas, e a locais sujos, revistando as pessoas por causa do uso ilegal e perigoso de armas e navalhas, etc., etc., ou qualquer outro objecto pro- hibido. Desta medida nada resulta de mal — e, pelo contrário, é bom para todos.

Quando, mesmo assim, afinal, sem- tudo se pode evitar, o que não seria se essa fiscalização se não fizesse?! E' bom que todos reconheciam que as noticias más — de cevas conflictuo- sas em que a face entrasse em acção — de nada nos pode orgulhar... e, para não termos de as narrar, bom seria que não ocorressem — pois é claro que, «cessando a causa, cessa o efec- to!»

Não é verdade?... E' conveniente que sobre esta terra, tão pacata e tão ordeira — onde muito se aprecia e louva o ambiente socego do que se disfruta — não caia nunca o labor da suspeita e do receio... que só pode prejudicar e dificultar a pro- gressiva marcha que Vizeia tem para o auspicioso futuro que há-de coroa-la! Bemvindo seja ele — na indepen- dência relativa à sua mais cara aspi- ração que, mais tarde ou mais cedo, virá a ser uma glória dos Vizeleuses: tanto para os actuais, que ainda acalen- tam essa esperança e por ela po- dem lutar, vencendo, como para aqueles que já tombaram na vida, levando para a campa — bem acarihiada no peito — essa esperança insatisfeita!..

— C.

Caldas das Taipas, 1.

Abertura da época balnear

Depois da grande transformação por- que passaram, abrem no próximo do- mingo, 4, conjuntamente com o bal- neário de 1.ª classe, os chamados Banhos Velhos de 2.ª e 3.ª classes, iniciando-se assim a futura época ter- mal.

Certamente, frequentadores das nos- sas termas vão ficar surpreendidos com as obras effectuadas, mercê do e- fôrço quasi sobrehumano de três ho- mens que compõem a actual direcção da Empresa, infatigáveis trabalhado- res que aos interesses daquela e ao bem desta linda terra dedicam o me- lhor das suas atenções, não obstante os seus multiplos e bem conhecidos afazeres profissionais.

E assim, sendo homens de negócios com larga visão do futuro e perfeito conhecimento da grande responsabi- lidade que impende sobre os seus om- bros quanto aos seus actos de carácter administrativo de uma Empresa que luta com sérias difficuldades, José Jacinto Júnior, Belarmino Ferreira da Cruz e António de Magalhães Marinho conseguem, com a coaljuvação da Câ- mara e do Estado, transformar os já velhos e desmantelados pardeiros em modelares balneários dignos de ser vi- sitados e frequentados por todas as pessoas, embora as da mais elevada categoria social.

Quartos pavimentados a mosaico, irrepresentável asseio, muita luz e ex- celentes banheiras em mármore, boas sentinas para homens e senhoras e o recinto, vedado com um alto muro, está sendo transformado em jardim, quando, ultimamente, servia para cora- douro de roupas e pastagem de ani- mais, o que c-stituia uma verdadeira vergonha.

Que o esôrço dos illustres directo- res da Empresa seja coroado do me- lhor êxito e que a nossa gratidão e a nossa estima sejam a recompensa das suas conseqüências, dos seus sacrificios e talvez — quem sabe? — de alguns des- gastos!

Para s. ex.º bem como para o nos- so dedicado amigo ex.º sr. dr. Alfredo Fernandes, incansável colaborador da direcção, vão as nossas mais sinceras felicitações.

O Hotel das Termas abre também no próximo domingo, sob a direcção do concessionário e nosso amigo sr. Martinho Ribeiro da Silva.

A Pensão Vilas, essa não abre... porque está aberta todo o ano. E' questão de freguesia!

Festas do S. Pedro

Ao encerrarmos esta carta fomos informados de que se encontra organi- zada uma Comissão para levar a efec- to, este ano, as tradicionais feira- francas e festas do S. Pedro, que des- vem realizar-se nos dias 28 e 29 d- orrente e que é composta dos nossos amigos srs. Jo.º Francisco Rosa Gais arães, Herculano Silvêrio e António- má Silva.

O NOTÍCIAS DO EDIPISTA

Secção Charadística dirigida por Lusbel

Dicionários adoptados nesta Sec- ção: — Silva Bastos, Torrinha, Mo- reno (pop.), Ligorne, Povo, Fonseca e Roquete (2.v.) e Sinónimos de Bandeira.

Resultados do n.º 8-3.ª Série

Soluções

1) fotómetro; 2) EMBOCADURA; 3) saio/fão; 4) caldeira/fão; 5) louco; 6) um; 7) de-arrancada; 8) macaven- co; 9) fôgo; 10) pacatão; 11) Maria; 12) rebulir; 13) deatom; 14) contras- tar; 15) REVIVER.

Quadros de distincção

Olegua e Rei Téxai

RELATÓRIO DO ÁRBITRO

Caro «Lusbel»

Começo pelo principio e paro mais adiante a apreciar o «fôgo», de «Olegua». Ganhou esta prova sem favor, mas também não fez favor nenhum em ganhar. Os mestres devem deixar brilhar os aspirantes.

Passando às outras especialidades de «tiro», poucas são as que agrada- dam. Cá estão outra vez as «duplas». Duplas são charadas que pouco têm de charadas. Sempre gostei e dei preferência ao fôgo novo (daquelle nevissimo antigo), mas desta vez sou obriga- do a preferir lo. Parece que estão destreitados: más pontarias, más po- sições e mais remates. Passo mais adiante e então noto alguma coisa de bom. Estava talhado, os últimos se- rem os primeiros. Portanto, e como a ordem dos factores é arbitrária, o 1.º é o melhor. Não tem de quê «Rei Téxai», O «Olegua», nem agradece.

Espero os «Diabos», para o próximo. Abraça-o o Sabrigaita.

Quadro de Honra

(Pontos a decifrar: 15)

Agnus Matutus, Alguém, Alvarinto, Biscaro, Castela, Conde, Copofónico, Dado, Diadema, Dropê, E' tipo, Erbelo, Fidélío, Fosquiuha, Frak & Fort, Frasilfra, Hauibal, Lérias, Luz Ferreira, Mo- renita, Pacatão, Rei Téxai, Rei Viola, Ricardo, Romem, Rotie, Sabrigaita, Siulno, Tinoobe, X-8 e X-9. Totalistas

Quadro de Mérito

Délia, Doralvas e P. de Inkin, 13; A. L. C., 12.

DIPLOMATAS

«A. C. I.», e «Délia», deciframam. A tal d'olhos em brasa... isso é lá com o «Négus da Biscaila»!

3.ª Série Charadismo N.º 12

Enigma

1) No meio é que bate o ponto Não se vá atrapalhar Se não o tem fica tonto, E com êle vai suar. O FINAL e O COMEÇO TAMBÉM são duros de achar Mas digo que sem tropêço Com a fazenda vai dar. Lisboa, Ruvina (L. A. C.)

Pelos nomes que a constituem é de esperar que as referidas festas sobre- levem em brilhantismo as dos anos anteriores.

Também nos consta que já se en- contram contratadas três bandas de música, entre as quais a afamada ban- da de Revelhe, que virá dar um con- cêrto no dia 29.

Do programa nos occuparemos logo que dêle tenhamos conhecimento. C. C.

Moreira de Cónegos, 1.

A convite da União Desportiva de Barrosas, deslocou-se àquella povoação no domingo p. p., para cooperar na inauguração do seu parque de jogos, o grupo de honra do «Moreirense Foot-Ball Club», sendo o seu encon- tro em prática a sua afirmação no bem servir os seus clientes.

Fazemos votos pela sua prosperi- dade — C.

Duplas

(Aos amigos «Alvarinto», e «Pacatão», recordando «o pai dêste senhor».) 2) Junto à fonte que murmura Talvez mágoas de amor, Recordo sempre a ternura Do teu olhar sedutor. Quando um dia te faltar Essa luz que me ilumina, Como a fonte, hei-de chorar A nossa tão triste sina. — 3

Guimaráis. Satan (T. D.). 3) O exercício deve ser feito de braços e de pernas para o ar. — 5 Lisboa. Josilcar.

4) O correio índio viaja num barco de anisos. — 3 Lisboa. Mora-Rei. 5) Quasi sempre, tudo o que é velho é de mau gosto. — 5 Lisboa. Pantufa (L. A. C.)

6) Qualquer objecto torto asseme- lha-se a um rabisco feito por quem começa a escrever. — 4 Lisboa. Veneno.

Novelas 7) Se êle sai, está em perigo! — 1-1 Porto. A. L. C. 8) E' um grande defeito a tristeza tornar um homem inútil. — 2-1 Praia da Aguda. Coração Leal.

9) Todo aquele que se julga perfei- to, tem uma expressão de fé. — 1-2 Polvoreira. Reirobi (L. A. C.) 10) O homem simples não distin- gue o velho. — 1-1 Porto. Rei Téxai (L. A. C.-A. C. I.)

Sinopadas 11) «Mulher», mentirosa, é «mu- lher», perigosa. — 3-2 Gonça. Dr. Asneira. 12) A ociosidade é o bêrço ou a mãe de todos os vícios. — 3-2 Guimaráis. Calligula.

13) E' próprio de um madraço não fazer nada. — 3-2 Lisboa. Négus Veiga. 14) E' para o homem uma ameaça. o beijo da mulher devassa. — 3-2 Guimaráis. P. de Inkin.

15) Naquêlle pequeno planalto es- tava localizada a barreira. — 3-2 Guimaráis. Psote.

E assim finda a 3.ª série, e, porque não dizê-lo, finda sem deixar saudades, pois foi talvez a mais pobre de todas, em produções conceituosas. Poucos colaboradores, muito poucos mesmo, se preocuparam em apresentar traba- lhos simples e perfeitos charadística e literariamente. Pelo contrário, notou- se em alguns uma forte tendência para a dureza, que, não só afasta os novos, como aborrece os «calejões». Destacamos com satisfação a assi- duidade dos «Edipistas», e agradece- mos ao prezado Director do jornal a sua boa vontade para com os chara- distas, preferindo muitas vezes, impor- tantes originaes, para dar espaço à secção.

CAMPIONATO CHARADÍSTICO

Sai no próximo domingo o 1.º núme- ro contando para este importante torneio, e para o qual já nos oferece- ram várias taças e alguns prémios de valor.

A fim-lhe elaborarmos os seguintes números, esperamos que nos enviem mais produções.

Correspondência: — J. GARCIA — Rua Egas Moniz, 85 — Guimarães

O MELHOR CAFÉ É O D'A BRASILEIRA

Acarinhar Guimarães é de- ver de todos os seus filhos.